

MEXA

Grupo fundado em 2015, em São Paulo, após episódios de violência em alguns abrigos para pessoas em situação de rua e casas de acolhida. Desde sua gênese, debate as distâncias e proximidades entre a rua e o museu, a vida e a arte, a política e a estética. Esses abismos e as possibilidades de construir pontes são, em si, seu material de interesse e criação.

Criado no contexto de abrigos e casas de acolhida, é hoje um coletivo formado por artistas de diferentes proveniências e flutuantes. Essa flutuação é parte processual da criação do coletivo, cujos trabalhos incluem dramaturgia que pensa recorrentemente sobre a impermanência e impossibilidade de captura de corpos e narrativas.

Atualmente, conta com os artistas Aivan, Alê Tradução, Anita Silvia, Daniela Pinheiro (que também faz a preparação corporal do grupo), Dourado, Patrícia Borges, Suzy Muniz, Tatiane Arcanjo, bem como com o dramaturgo João Turchi, a *videoperformer* Laysa Elias e a produtora Lu Mugayar.

Diversas estratégias artísticas são empregadas em suas criações coletivas, sendo o improviso como linguagem algo bastante presente em suas investigações. Trabalha com escrita, com derivas, com músicas. Já fez peças, performances, um CD, uma caminhada de dez horas pela cidade. Em todos esses projetos, segue roteiro previamente escrito, porém aberto a adaptações ao que o contexto apresentar.

Ao longo desse tempo trabalhando em conjunto, criou ferramentas para lidar com o imprevisível e estratégias de composição em tempo real.

Um exemplo é a bomba, conceito forjado coletivamente, que indica a entrada de um elemento disruptivo. Qualquer pessoa pode, sem aviso ou combinados prévios, interromper a cena que havia sido ensaiada, jogando o que é chamado de bomba cênica, à qual o grupo deve reagir.

Outro exemplo é a ideia de dublagem, que, ampliando a noção usual dessa palavra, indica, para o MEXA, a possibilidade de se apropriar de textos e vivências de outras pessoas, atualizados para um corpo presente. É a ideia de que um texto nunca é só palavra, mas também corpo. A dramaturgia se torna, assim, a junção de emissão e emissor. Nenhum texto existe em abstrato.

Ao lidar com biografias e narrativas pessoais, a investigação do grupo é bastante atravessada pelo real – que pode irromper na cena e ser ficcionalizado, transformando a experiência individual em vivência coletiva.

Nos últimos anos, o grupo vem ocupando espaços relevantes do circuito cultural nacional como CCBB, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, Masp, Casa do Povo e eventos como Mostra Verbo, Bienal de Dança, MIT-SP; e internacional, como Kunstenfestivaldesart, em Bruxelas, HAU Theatre, em Berlim, Teatro do Bairro Alto, em Lisboa, Kampnagel, em Hamburgo, e Transform Festival, em Leeds.

Figura 1
Imagem do Acervo Mexa





Figuras 2 e 3
Imagens do Acervo Mexa



Figura 4
Imagem do Acervo Mexa



Figura 5
Imagem do Acervo Mexa

<https://www.grupomexa.com.br/>
<https://www.instagram.com/ogrupomexa/>

Como citar:

Mexa. Dossiê Coletivo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 308-312, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.22>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.